



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

LINGUAGEM DE PROFESSORES TERENA, REGIÃO AQUIDAUANA – MS

Alessandra Manoel Porto¹

UFMS

Palavras Iniciais

Voltar nossa atenção para o indígena, em especial, ao professor indígena Terena, tem um propósito: como educadora de escola pública, no árduo, mas prazeroso trabalho com a língua, frente aos inúmeros facilitadores e dificultadores do mundo moderno ou pós-moderno Bauman (2005), a necessidade em conhecer qual seria a concepção discursiva desses sujeitos em relação ao ensino bilíngue ministrado nas escolas (Língua Materna e Língua Portuguesa) e aos valores étnico-culturais e a sociedade dominante, propondo uma análise da possível mudança nas formações discursivas/ideológicas, bem como na construção da identidade docente desses indígenas.

A etnia Terena, localizada na Região Aquidauana, em Mato Grosso do Sul tem sua origem no grupo Aruák, vindo do Chaco Paraguai, que se subdividiu em outros subgrupos (Guaná e Txané) e deles, os povos Terena que se instalaram no Centro Oeste do estado (Oliveira, 1976). Atualmente, o grupo Terena passa por mudanças significantes na educação, haja vista que no Brasil, no século XVI, até praticamente metade do século XX, a educação escolar indígena esteve pautada pela catequização, pela civilização e pela imposição forçada dos índios à sociedade nacional, sempre negando a diferença e ao, torná-los “brasileiros”, tinham de abandonar sua própria identidade. Só então, em anos recentes esse quadro começou a mudar e pode contar com várias experiências nas diversas regiões do Brasil, constituindo projetos educacionais adequados à realidade sociocultural dos grupos indígenas, por meio dos estudos da interculturalidade e do bilinguismo. (Parecer 14/99, p. 41).

¹ Mestranda em Letras. UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Três Lagoas – MS – Brasil – alemporto@yahoo.com.br



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

O ensino bilíngue procura ancorar-se como ponto de equilíbrio entre os valores culturais representados pela língua materna e os saberes universais pela língua nacional. As escolas indígenas Terena, mais especificamente, as localizadas nas aldeias de Cachoeirinha, Bananal, Morrinho e Limão Verde têm um ensino bilíngue: língua materna Terena e língua portuguesa. Nessa perspectiva, como se constitui esse sujeito que ensina? Qual é a sua relação com o sujeito que aprende dentro de uma escolarização bilíngue, a partir do ensino/aprendizagem da língua portuguesa (língua oficial do país) e com a língua Terena (língua materna)? São muitos os motivos para se aprender ou não uma segunda língua: daí a possibilidade de conflitos (CORACINI, 2003, p. 220).

Ressaltamos que a de coleta dos dados se dará por meio exploratório e empírico (pesquisa de campo com entrevista *in locu*), sendo entrevistados nove professores indígenas (cinco do sexo masculino e quatro feminino - aspecto aleatório), todos com formação superior (Normal Superior Indígena), sendo três deles pós-graduados (com mestrado em Educação e Ciências Sociais). Os materiais a serem utilizados na coleta dos dados serão recursos midiáticos (gravador, *notebook* e microfone) além de um questionário pré-planejado com questões que deverão abordar o tema em pauta, será entrevistado um sujeito por vez. A transcrição dos dados (sequências discursivas) obedecerá a forma mais fiel possível, de modo que se possa transpor os alongamentos, a altura da voz e as ênfases, fatores significativos nesse gênero textual. A organização dos dados em recortes se pautará nos objetivos da pesquisa de modo que se possa identificar ou não, por meio das materialidades linguísticas, o que se propõe: uma possível mudança nas formações discursivas/ideológicas dos professores Terena e consequentemente de sua identidade docente tendo em vista a relação dos sujeitos em questão com os valores étnico-culturais e com os da sociedade majoritária ao mesmo tempo, principalmente a partir do momento histórico em que a comunidade Terena está situada: implantação e reestruturação de escolas indígenas nas aldeias, formação superior de professores indígenas (além de pós graduação) e projetos de pró-revitalização da língua materna.

Questões de análise

- 1- Quais as concepções de língua e linguagem dos professores Terena da Região Aquidauana – MS, numa comunidade bilíngue?



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

- 2- Quais formações discursivas/ideológicas desses professores?
- 3- Como são os processos de construção da identidade docente desses professores indígenas?

Análise

Trazemos para essa discussão um excerto transcrito por nós, parte dos dados coletados na entrevista com professores Terena. O recorte remete ao discurso de um professor com formação superior (Normal Superior Indígena) e pós-graduado em Ciências Sociais, e tanto o professor como a sequência discursiva a ser apresentada, foram selecionados dentre o *corpus* (entrevista transcrita), por atenderem aos objetivos deste trabalho. O recorte, organizado em **R1** corresponde ao o excerto/resposta, cuja pergunta feita foi “Professor, você falou que há diferenças entre as aldeias, umas são falantes da língua Terena e outras não. Como isso pode ser explicado”?

R1- Então:... a:... **lpegue** por exemplo, elas se... não comunicam mais na **língua Terena... na língua portuguesa** por vários fatores que **eu penso né...primeiro... depois da Guerra do Paraguai... houve uma dispersão do povo Terena... foram para as fazendas... das fazendas... os homens e as mulheres** foram trabalhar e lá... contraíram o casamento... tanto o homem quanto a mulher né:... tiveram seus filhos... e muitas vezes o homem põe... quando não é **indígena** que o filho fale a língua portuguesa e que deixe de falar a **língua Terena... por outro lado... alguns... algumas famílias pensava... imaginava... que era necessário naquela época que:... a criança falasse a língua portuguesa... primeiro pra defesa... segundo pro próprio comunicação... com o mundo do branco... né:...** (grifos nossos)

As formações discursivas que constituem **R1** remetem ao discurso histórico, materializadas pelos itens lexicais “Guerra do Paraguai”, “fazendas”, “língua portuguesa”, “homens”, “mulheres”, “mundo do branco”, organizado como se traçando um percurso da



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

“decadência” da língua materna Terena em algumas aldeias da etnia. Para isso, o sujeito em **R1**, traz, numa espécie de confronto, o discurso étnico-cultural materializado pelos itens lexicais “Ipegue”, “língua Terena”, “povo Terena”, “indígena”. Ao justificar a não prosperidade da língua Terena como língua materna em toda a etnia, o sujeito, busca, por meio da memória discursiva, trazer os acontecimentos que contribuíram negativamente para o fato. Recorremos ao postulado de Pêcheux (2002, p. 56) que afirma que “todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas [...] atravessado pelas determinações inconscientes [...]”. Concordamos também com Foucault (2002, p. 54), quando afirma que “não há enunciação neutra, o discurso funciona e toma efeito numa prática discursiva que é prestigiada, em geral, pelo fato de produzir verdade”. De certo modo, há implicitamente, uma denúncia no discurso de **R1** à “aceitação” da língua portuguesa, representada pelo branco, e fica bem marcado esse posicionamento, quando o sujeito enumera as causas do “fracasso” da língua Terena “*primeiro pra defesa... segundo... pro próprio comunicação... com o mundo do branco...né...*”, é como se o branco fosse uma ameaça – ou o índio entrava nas regras impostas por ele, ou era descartado. Então, falar a língua portuguesa e deixar a língua Terena não era uma questão de escolha, mas de sobrevivência. Tal situação acorda com o postulado de Coracini (2003, p. 220) quando afirma que a aprendizagem de uma língua estrangeira, ou segunda língua, nem sempre surge das escolhas pessoais dos sujeitos, elas lhes são “impostas” por inúmeros fatores: trabalho, globalização, laços familiares.

Podemos ainda fazer um paralelo com esse fragmento, o discurso inicial de **R1**, quando o sujeito eleva sua posição subjetiva ancorada nos marcadores temporais (advérbios), que nos leva a efeitos de sentido como se ele pontuasse o início da decadência da língua Terena “...eu penso né... **primeiro... depois** da Guerra do Paraguai... houve uma dispersão do povo Terena... foram para as fazendas...”. Há uma “aceitação” pessoal do sujeito da situação atual, (da existência de aldeias não falantes da língua Terena), motivo já justificado, iniciado com a Guerra do Paraguai, no final do século XIX (Oliveira, 1976). Daí, buscamos respaldo em Guerra (2010, p. 72) ao afirmar que o indígena sul-mato-grossense, hoje, está nesse entre-lugar identitário, nesse entre-espço cultural e histórico: *nem branco, nem bugre*, para compreendermos melhor o processo de construção identitária desses povos.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

De modo bem preliminar, podemos afirmar que o sujeito em **R1**, concebe a língua materna como forte traço da identidade indígena e sua não prosperidade em toda a etnia é justificada pelo contato necessário do indígena com o branco, requisito de sobrevivência: ou regia na cartilha do mundo branco ou era ainda mais discriminado. Por ser um sujeito com formação superior e pós-graduado, consegue ainda melhor articular sua argumentação em defesa do grupo, no entanto, é um sujeito que tem alteradas suas formações discursivas/ideológicas bem como sua identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CORACINI, M. J. R. F. *Identidade e Discurso. (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena*. Parecer nº 14. Brasília, 1999

FOUCAULT, M. (1971) *A ordem do discurso*. 8 ed. Trad. Laura F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GUERRA, V. M. L. *O indígenas de Mato Grosso do Sul: práticas identitárias e culturais*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

OLIVEIRA, R. C. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terêna*; prefácio de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

PÊCHEUX, M, (1988). *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. 3. Ed. Campinas: Pontes, 2002.